

A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 48 - A
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

Uma entrevista com Sua Excelência o Sr. Governador Civil do Distrito de Setúbal

BRASIL E PORTUGAL

O Governo estará sempre em tudo presente com a sua palavra de encorajamento e a sua ajuda material indispensável.

Quem, como eu, conheceu o Montijo de há trinta anos é que pode avaliar o que tem sido o aumento constante desta terra.

— declarou o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, aos representantes de «A Província»

«A Província», preocupada com certos problemas de ordem regional e social, pensou em ouvir, para completo esclarecimento da opinião pública, Sua Excelência o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, Ilustre Governador Civil do nosso Distrito.

Conhecíamos Sua Excelência há bastantes anos. Lembramo-nos ainda perfeitamente da extraordinária manifestação que lhe foi feita quando saindo da Presidência da Câmara Municipal de Évora, veio exercer idênticas funções no município da sua terra natal — a cidade de Setúbal, que o Sr. Dr. Miguel Bastos tanto adora, e que tanto lhe deve, não só como Presidente da Câmara Municipal, mas também na qualidade de Deputado da Nação.

Grande amigo das Instituições de Caridade, espírito vivo e dinâmico é querido por todos desde as classes mais pobres às de maior projecção.

Sempre atento aos problemas vitais da cidade foi durante estes anos o verdadeiro Homem que Setúbal precisava para dirigir os seus destinos, na hora má que atravessava.

Hoje, Sua Excelência no cargo de Governador Civil, conhecedor como poucos, das necessidades e anseios da gente da sua Terra e dos Concelhos que formam o Distrito, mantém inalteráveis todas as suas qualidades de grande homem público, e se possível aumentou a sua maneira afável e acolhedora, a simpatia pessoal e o dom de conversador que sempre lhe conhecemos.

Foi pois, certos de que Sua Excelência nos acolheria com benevolência, e nos daria oportunidade de fazer algumas perguntas, que nos apresentamos no edifício do Governo Civil

(agora noutra local e especialmente adaptado para o fim a que se destina) prontos para em missão especial de «A Província» colhermos o máximo de elementos afim de satisfazer a curiosidade dos nossos leitores.

Depois de breve troca de impressões à cerca de «A Província», jornal que Sua

tura no que respeita aos Concelhos do Distrito?

— Julgo que não há nada de especial a dizer sobre a futura orientação da actividade dos concelhos do Distrito, tão dedicada e viva tem sido a que se tem vindo a desenvolver nos últimos anos e tão pronta tem sido a dedicação de todos no desejo de fazer progredir as belas terras que enchem

Pode informar-nos sobre qualquer acção neste sentido?

— É certo que dedico aos problemas da saúde e da assistência um particular interesse, interesse que, estou certo, é hoje partilhado por todos os homens responsáveis. Procuraremos estudar as necessidades de cada um dos concelhos para depois — e de acordo com



Sua Excelência o Sr. Governador Civil de Setúbal, conversando com o Director e o Editor de «A Província», durante a entrevista que amavelmente concedeu ao nosso jornal

Ex.^a conhece desde o número um, e para o qual teve palavras de louvor e muita simpatia, que nos apraz registar e agradecer, pedimos licença para dirigir algumas perguntas de interesse geral para o nosso Distrito e especial para Montijo.

Sua Ex.^a acedeu prontamente.

E, mais em tom de amena conversa, do que protocolar e rígida entrevista inquerimos:

— Quererá V. Ex.^a dizer algo sobre a orientação fu-

esta vasta e esplêndida região.

Apenas há a esperar que não desfaleçam as vontades, nem enfraqueça o magnífico esforço que se tem vindo a realizar de valorização e engrandecimento. O Governo estará sempre em tudo presente com a sua palavra de encorajamento e a sua ajuda material indispensável.

— Sabemos que V. Ex.^a está particularmente interessado na resolução dos problemas de assistência.

elas — estabelecer, com eficiência, os instrumentos de auxílio e amparo que forem julgados necessários. Torna-se, para esta tarefa, muito urgente fazer um largo trabalho junto das populações que desperte o interesse e o carinho destas pelas suas instituições de assistência, vivendo os seus problemas, dando-lhes todo o apoio e toda a ajuda moral e material. Estou certo que ninguém se negará a este apelo

O advento desse grande sucesso para os dois Povos da Comunidade Luso-Brasileira — a visita do Presidente Café Filho a Portugal — está a ser vivido com extraordinária intensidade à medida que se aproxima a data de 22 de Abril.

O transcendente significado do acontecimento situa-se entre as realidades fortes que são património de uma Comunidade histórica do passado e as perspectivas firmes que se abrem a uma Comunidade espiritual do presente.

A expressão vigorosa em que se definiu a epopeia das Descobertas nunca se desvaneceu, por mais longínquos que fossem os mares e os continentes por onde se projectou Portugal sob a legenda e o signo da Cristandade.

E o Brasil — onde a força criadora do Gênio Lusíada se espalhou em indelévels manifestações constitui testemunho precioso do vigor daquela expressão.

Entre os dois polos, o Oceano, que a feliz expressão de Osvaldo Aranha designou por Lago Lusitano, foi sempre a sua vida natural por onde se têm cruzado as correntes de uma amizade perene e recíproca.

Por esse Atlântico vem agora até nós o Magistrado supremo da Nação brasileira, uma visita que não é de simples cortesia mas uma prova mais de uma afeição e de um interesse sempre presentes nas terras e nas gentes brasileiras pela Nação lusitana.

No decurso da visita que o Presidente Café Filho vai fazer à Nação mais velha da Comunidade, homenagens da mais diversa natureza serão prestadas ao Chefe do Estado brasileiro.

Todas ficarão indelévelmente gravadas nos anais das relações luso-brasileiras; mas é de fácil previsão que a homenagem mais grata ao Presidente Café Filho será a espontânea e iniludível manifestação de simpatia de todo o Portugal para com a Nação que ele representa.

Nos tempos hodiernos, em que o entendimento e a amizade entre as duas Nações atlânticas têm sido sublinhados por inequívocas demonstrações e actos positivos — como a atitude assumida

(Continua na página 9)

(Continua na página 9)

Ex. do Sr.
Manuel Giraldes da Silva
RIO PRIO

MONTIJO DIA A DIA

Agenda profissional

Médicos

Dr. António Ferreira da Trindade

Rua Bulhão Pato, 42
Telef. 026 131 — MONTIJO

Dr. Alcides Raimundo da Cunha

MONTIJO
SARILHOS GRANDES

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Telef. 0260 38 — MONTIJO

Dr. Fausto Eugénio Lopes de Neiva

Das 10 às 13 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. João Azevedo Coutinho

Telef. 026 075 — MONTIJO

Dr. João Filipe Barata

Telef. 026 026 — MONTIJO

Dr. Gonçalves Guerra

CLINICA GERAL

Radioscopias — Diatermia — Onda Curta — Raios Infra-Vermelhos — Raios Ultra-Violetas — Massagens Vibratórias.

Consultório:

Rua Bulhão Pato, 58
Telef. 026 153 — MONTIJO

Farmácias de Serviço

De 21 a 27 de Abril

5.ª - feira, 21 — *Montepio*
6.ª - feira, 22 — *Moderna*
Sábado, 23 — *Diogo*
Domingo, 24 — *Geraldes*
2.ª - feira, 25 — *Montepio*
3.ª - feira, 26 — *Moderna*
4.ª - feira, 27 — *Diogo*

Perpétua Maria

Agradecimento

Suas filhas, genro e neta, na impossibilidade, de agradecerem a todos que directa ou indirectamente, comparilharam no seu desgosto ou se dignaram acompanhar à sua última morada, fazem-no por este meio muito reconhecidamente.

Vende-se

Carroça de mão em estado de nova.
Informa-se nesta Redacção.

Apreciando e comentando

Relatório e Contas da Câmara Municipal de Montijo no ano de 1954

Conforme prometemos, ao publicar no nosso penúltimo número, a parte final deste relatório, vamos hoje iniciar a apreciação a este completo documento, e ao mesmo tempo publicar as suas mais importantes, passagens, para que os leitores tomem conhecimento perfeito da actividade e orientação que foi dada aos negócios do município da nossa terra.

Analisando, ainda que esquemáticamente as finanças municipais, conclui-se que as receitas continuam a aumentar, sem contudo serem criados novos encargos nem tampouco agravados os existentes.

Resumindo do Mapa III a receita por artigos do orçamento comparativamente com o ano de 1953 temos:

Impostos Indirectos — Diferença para mais: 267.912\$50; *Taxas* — *Rendimento de diversos serviços* — Diferença para mais: 1.141\$70; *Rendimento de bens próprios, dos serviços municipais, e municipalizados* — Diferença para mais: 35.615\$70; *Reembolsos e reposições* — Diferença para menos: 37.952\$20. *Consignação de receitas* — Diferença para mais: 30.046\$00. *Receita extraordinária* — Diferença para menos: 3.522.126\$90.

Diz-se no relatório:

«No capítulo de «Reembolsos e Reposições» verifica-se diminuição, mas o facto justifica-se por motivo de neste ano ter sido concluído o pagamento do empréstimo de 1.000.000\$00, o que fez cessar o reembolso das respectivas prestações dos Serviços Municipalizados à Câmara Municipal.

Dr. Luciano Tavares Mora

A sua família, na impossibilidade de o fazer directamente, vem, por este meio, agradecer, reconhecidamente, a todos os que se incorporaram no funeral ou que, por qualquer outra forma, manifestaram pesar pelo seu falecimento.

Prédio

Vende-se

Na Rua da Bela Vista.
Trata-se na Rua da Bela Vista, 73 — Montijo.

Igualmente a receita extraordinária baixou, mas, se atentarmos que a elevada importância de 1953 inclui o subsídio de 4.000.000\$00 do Ministério da Justiça, chega-se à conclusão de que em 1955 aumentaram, e muito, as habituais participações do Estado para obras, o que é bastante consolador.

No entanto e sem pessimismos descabidos, julgamos que as receitas municipais terão de ser revistas num futuro que não vem muito longe.

O incremento dos diversos serviços e as novas perspectivas criadas ao nosso Concelho por um conjunto de circunstâncias felizes, impõe, na verdade, essa revisão.

Em planos de actividade e relatórios anteriores temos batido esta tecla, mas, as providências nesse sentido tem sido proteladas, sem grande prejuízo para os interesses do Concelho.

Até agora os nossos municípios podem orgulhar-se de pertencerem a um concelho onde menos impostos se pagam.

Nas despesas, explicadas no mapa IV em relação a 1953 há uma diferença para menos de 1.386.976\$10.

Diz-se no relatório:

«A leitura menos atenta dos números que antecedem, leva à suposição de que baixaram as despesas em relação a 1953.

Devemos porém informar de que, naquele ano, foi paga à Repartição dos Serviços Económicos e do Trabalho Prisional e Correccional do Ministério da Justiça a importância de 2.500 contos por conta dos trabalhos de construção do Palácio da Justiça, o que justifica a referida diferença.

Assim, e contrariamente ao que se poderia supor, verifica-se que a despesa aumentou, e muito.

Este facto é índice seguro de que a actividade municipal não diminuiu, antes teve grande incremento, especialmente no que respeita a despesa extraordinária, por força do dispêndio com obras».

(Continua no próximo número)

Comissão Municipal de Assistência

Realizou-se no sábado dia 16, na Santa Casa da Misericórdia de Montijo, a acto de posse do novo membro da Comissão Municipal de Assistência, Sr. Reverendo Padre Manuel Gonçalves. Estavam presentes ao acto o Presidente da Câmara sr. José da Silva Leite, sr. Comandante Santos Fernandes, Dr. António de Campos Ferreira da Trindade e o Provedor da Santa Casa da Misericórdia sr. Justiniano Gouveia.

Agradecimento ao Ex.º Clínico Dr. Avelino da Rocha Barbosa

Júlia Simões Rodrigues e sua família, vêm por este meio, tornar público o seu reconhecimento a este ilustre clínico, pela maneira inteligente como a tratou durante o seu estado de doente para o qual utilizou todos os recursos da ciência e pôs à prova as suas mais altas faculdades de médico ilustre, que a salvou da morte que se vislumbrava patente.

Aqui fica, portanto, o seu eterno reconhecimento.

ORFANATO «Dr. César Fernandes Vauturá» MONTIJO

Donativos em dinheiro e ofertas várias feitas a esta Instituição até 15 do corrente: Presidente da Câmara Municipal, 1.500\$00; Comandante Santos Fernandes, 500\$00; Posto da G. N. R., 100\$00; Manuel J. Fernandes, 100\$00; Jornal «A PROVINCIA», 100\$00; J. F. Repas Ltd.ª, pequeno almoço da Páscoa a todos os internados; J. C. Palmeiro, 8 kg. de amêndoas; D. Maria Abel dos Santos, 1 Bolo; Companhia do Emídio (pesca), 10 kg. de peixe; José Maria dos Santos, utensílios diversos para uso doméstico; D. Maria Helena Lino, 2 kg. de bolos; D. Emília Farreu — 2 kg. de arroz doce; D. Lucília Tavares Mora e D. Margarida Tavares Mora, 50 l de feijão e 50 l de grão; António Tavares J.º, lenha para queimar.

Montijo, 16 de Abril de 1955.

A DIRECÇÃO

ALMEIRIM O VINHO que melhor satisfaz o gosto dos Ex.ºs Consumidores.
Almeirim, Branco, Tinto e Palhete, é sempre bom até ao fim — Distribuidor em Montijo, CENTRAL DAS ILHAS Rua Guerra Junqueiro, 6

Gazetilha

*Figura bem popular,
De Montijo é natural,
Embora a rir e brincar,
Leva sempre tudo a mal.*

*Anda sempre penteado,
Com seu ar de rufião,
Mas é muito malcriado,
E, sofre do coração.*

*Só usa palavras caras,
E, diz-se muito a medo
Qua as suas ideias raras,
Podem levá-lo ao «segredo».*

*Sabem quem é com certeza,
A figura popular,
Que com tanta ligeireza
Diz: — Sufa... e põe-se a chorar.*

*S'algum lhe fala d'amor...
Barafusta, grita e berra.
AMIGO ANTÓNIO — o terror!
Dis pequenas cá da terra.*

Zé de Montijo

Café Portugal

Numa das noites da passada semana, fomos gentilmente convidados pela gerência do Café Portugal a fim de experimentarmos e observarmos uma nova máquina de fazer café, que aquele estabelecimento adquiriu no interesse de melhor servir a sua numerosa clientela.

Foi com prazer que verificámos tratar-se de um melhoramento que não só valoriza o serviço do Café Portugal como também dignifica a acção da sua Gerência, porquanto a referida máquina, de proveniência italiana, pois é um produto das fábricas «Faema», de Milão, efectua simultaneamente todas as operações inerentes à sua função.

Estava também presente um técnico da Firma distribuidora no nosso País das máquinas «Faema», que amavelmente nos esclareceu acerca do seu funcionamento, deixando-nos convencidos de que efectivamente se trata da última palavra em máquinas de fazer café, preparando-o exactamente no momento em que é servido, sem lhe alterar o sabor e mantendo todas as suas propriedades características.

Finalizando, mais uma vez registamos a simpatia que nos merece este empreendimento, como aliás nos merecem todos os empreendimentos que tendem a elevar o nível comercial e industrial da nossa Terra, quer a iniciativa seja de carácter público ou particular. Portanto, daqui enviamos à Gerência do Café Portugal as nossas felicitações.

**Não acusamos...
Mas lamentamos...**

Quem quotidianamente, ou até mesmo episódicamente, percorre a rua José Joaquim Marques, neste período do ano, verifica uma imundice nos passeios, ocasionada pela passagem em pleno dia, do gado suíno a caminho das malhadas. Longe de nós querermos peias para uma das mais ricas indústrias montijenses. Nada disso! O que queríamos era que se estudasse a forma desse transporte ser feito sem que se nos deparasse tal espectáculo, pois nem sempre poderá ser, certamente, efectuar-se a limpeza logo após a passagem do gado e então talvez o problema tenha solução evitando mostrarmos às pessoas que nos visitam uma faceta nada agradável da nossa terra!

Aqui fica a sugestão aguardando que quem de direito procure a melhor solução, evitando prejuízos a quem quer que seja, pois não é para isso que aqui estamos!

O Indiscreto

NOTÍCIAS DA SEMANA

Agenda

Partidas e chegadas

— Partiram no dia 17 do corrente em viagem de recreio à Espanha e França, os nossos prezados assinantes e bons amigos srs. Avelino Martins Tomé, Emídio Antunes Veríssimo e Adelino. Antunes Veríssimo.

«A Província» deseja lhes uma feliz viagem e agradece os cumprimentos de despedida.

Visitas

— Deram-nos a honra de visitar a nossa redacção os nossos amigos e dedicados assinantes de Lisboa, srs. Júlio da Silva Simões e António Júlio de Oliveira Pereira Duarte.

Doentes

— Encontra-se doente, com certa gravidade, o sr. Capitão José de Almeida, digno Oficial do R. I. 11 de Setúbal. Ao ilustre enfermo deseja «A Província» rápidas melhoras.

Falecimentos

— No dia 11 do corrente faleceu em Lisboa, a sr.^a D. Gertrudes Nobre Pialgata.

A extinta que era mãe do sr. António Joaquim Tavares Pialgata, comerciante em Lisboa, e tia do sr. José Marcelino de Oliveira, foi sepultada no Cemitério do Lumiar, sendo acompanhada por muitas pessoas amigas e de família.

A toda a família enlutada apresenta «A Província» sentidas condolências.

— Faleceu a sr.^a D. Gertrudes Magna do Nascimento, de 80 anos, natural de Sarilhos Grandes, mãe da sr.^a D. Albertina Silva Moeda Russo e do sr. Francisco do Nascimento Moeda.

Assembleia geral

— Realiza-se amanhã sexta-feira dia 22, pelas 21 horas na Sociedade Recreativa Progresso Afonsoense, uma Assembleia Geral Extraordinária para apreciação e discussão de uma proposta para o aumento das suas quotas.

A popular colectividade, que luta com certas dificuldades para manter o ritmo de trabalho que ultimamente tem desenvolvido, pretende elevar-se mais ainda, para que possa satisfazer as necessidades dos sócios do Bairro que serve, e consolidar a sua posição como colectividade recreativa de Montijo.

«A Província» faz votos para que os trabalhos desta Assembleia resultem proveitosos e de molde a que a actual Direcção possa executar os planos que tem em projecto.

Um casamento inédito

Alojados num armazém da Rua Agostinho Fortes, alugado ao sr. Silvano Saraiva, nosso amigo e assinante, conhecido instrutor de automóveis em Montijo, um numeroso grupo de ciganos, mais de duzentos, festejaram luzidamente desde 2.^a-feira 10 a 6.^a-feira 15 do corrente as bodas de casamento de Maria América e Eduardo Salinho de Oliveira, dois ciganos jovens, simpáticos e bem apresentados que na véspera se tinha consorciado na Igreja dos Jerónimos em Lisboa.

Os noivos e convidados vindo dos mais distantes pontos do país, capricharam por levar a efeito uma boda com todas as pompas e tradições Zingaras, tendo comido, bebido e dançado muito ao som de uma orquestra para o efeito contratada especialmente, quase interuptamente durante 5 dias.

A característica festividade, que levou até à Rua Agostinho Fortes, muitos curiosos, não faltou em certas ocasiões, a sua pequena zaragata, mas como era tudo em família, e essas cenas são parte integrante da função, tudo acabou em bem.

Registamos o acontecimento, por curioso e inédito em Montijo.

ORFANATO

Porque achamos de grande oportunidade, ser a opinião pública devidamente esclarecida sobre a actual situação do Orfanato «Dr. César Fernandes Ventura», publicamos hoje na íntegra a parte do Relatório da Gerência da Câmara Municipal, no que se refere a esta Instituição.

Ao tornarmos público este documento, julgamos prestar um bom serviço a esta casa de caridade, pois de uma maneira geral, toda a gente em Montijo tem uma ideia diferente da situação verdadeiramente aflitiva em que esta obra de assistência vive.

«A PROVINCIA» já uma vez disse nas suas colunas, que estava à disposição do Orfanato. Já provou amplamente essa afirmação publicando uma completa e extensa reportagem quando da posse dos seus novos corpos gerentes.

Tem mantido noticiário segundo as informações que consegue colher. Vem agora agitar o problema máximo desta Casa de Caridade — que é a sua subsistência — SEM NINGUÉM LHE PEDIR e GRATUITAMENTE,

ocupando com esse assunto as colunas que forem necessárias e durante o tempo que julgar conveniente,

Parece-nos que isto é colaborar. Parece-nos que estamos, ainda que modestamente, auxiliando a obra de renovação que se pretende imprimir a esta simpática casa de caridade montijense.

Posto isto, achamos que o assunto está devidamente esclarecido, pois não admitimos sequer que alguém ponha em dúvida, que neste jornal, não exista boa vontade ou desejo de prestar colaboração e auxílio ao Orfanato. E nesta questão de colaboração e auxílios... pedimos meças...

Eis o que diz o citado relatório municipal:

«Este Orfanato foi fundado organizado e mantido durante largos anos, exclusivamente pelo ilustre e benemérito médico Dr. César Fernandes Ventura que ali empregou os seus melhores esforços e deixou parte da sua fortuna.

Hoje porém, é nos precisos termos da lei, uma pessoa colectiva de utilidade pública administrativa, subsidiada pela Câmara Muni-

pal, que por isso não pode deixar de observar a sua actuação.

Sabíamos que há muito havia ali as habituais dificuldades das casas de assistência, se bem que a direcção fosse deficiente, porém, uma visita inesperada às instalações esclareceu-nos claramente das miseráveis condições em que vivem os internados e da completa desorganização administrativa que ali reina.

Da nossa visita resultou a certeza — lamentável certeza — de que não há disciplina, não há higiene, não há alimentação nem preparação para a vida e acima de tudo, verifica-se ainda que não há contas.

Como estava a chegar o final do ano e com ele a ocasião de eleger novos dirigentes, julgámos conveniente protelar as enérgicas providências que se impunham.

Agiremos porém oportunamente, não obstante as inoportunas, se bem que bem intencionadas interferências que somente acarretam o prejuízo e o desprestígio de tão útil e simpática instituição de caridade».

Grande concurso rádio publicitário do programa Isto é Montijo com a colaboração de «A Província»

Brevemente o programa *Isto é Montijo* de colaboração com o nosso jornal lançará um novo concurso, desta feita em moldes diferentes, e que vai entusiasmar por certo todos os leitores e ouvintes. As condições serão oportunamente anunciadas, entretanto aconselhamos todos os interessados a ouvirem atentamente o programa *Isto é Montijo* conforme os horários que semanalmente publicamos.

Bombeiros Voluntários de Montijo

A comissão angariadora de fundos pró B. V. de Montijo, com o fim de ajudar a direcção desta benemérita Associação, na obtenção de fundos que se destinam à aquisição de mais e melhor material contra incêndios, solicitou à direcção do Clube Desportivo de Montijo autorização para, no próximo domingo 23 do corrente, proceder no campo Luís d'Almeida Fidalgo à venda do capacete.

Oxalá que, tanto a direcção do Clube Desportivo de Montijo como o público em geral corresponda ao apelo desta tão útil Associação.

Fotofilme Trabalhos para amadores - Fotografias d'Arte - Aparelhos fotográficos

Reportagem Fotográfica

R. Bulhão Pato, 11 MONTIJO

A indústria gráfica

Montijo tem progredido muito em todos os sectores industriais, nestes últimos anos. A indústria gráfica tem já nesta vila algumas oficinas de grande categoria. A tipografia Grafex, oficina onde é feito o nosso jornal, que tem trabalhado de molde a merecer os maiores elogios de toda a gente, aumentou também a sua capacidade de trabalho, adquirindo uma nova máquina automática de grande categoria. A nova unidade, que já está montada, permite executar com alta fidelidade trabalhos comerciais ou oficiais a várias cores, e grandes velocidades.

Está pois, a partir desta data, a Tipografia Grafex, de que é proprietário o nosso dedicado amigo José Pereira dos Santos, apetrechada para servir os seus inúmeros clientes com mais eficiência e perfeição.

«A Província» sente-se agradavelmente satisfeita com os progressos verificados na Grafex, saudando o seu Proprietário pelo empreendimento e desejando-lhe as maiores prosperidades para a sua já esplêndida oficina.

PASTELARIA ESPERANÇA Fabricação esmerada de bolos em todos os sortidos para venda e venda ao público.

Fornecem-se lanches para baptizados, casamentos, solrés, etc.

Rua Joaquim d'Almeida, 49 MONTIJO

FESTAS de S. Pedro

Batalha de Flores

A Comissão das Festas dirigiu convites às várias actividades montijenses para que se façam representar na Batalha de Flores, um número que as nossas Festas já não podem dispensar. Eis chegado o momento de todos demonstrarem o seu bairrismo e boa vontade de colaboração às Festas, organizando os seus carros alegóricos.

Toda a boa vontade da Comissão não chega por si só para resolver alguns problemas relacionados com o programa das Festas.

Embora a colaboração tenha aumentado de ano para ano, o certo é que essa colaboração está ainda longe de constituir tudo o que as nossas possibilidades permitem. A projecção alcançada pelas Festas de S. Pedro, que a leva à classificação das melhores que se fazem no Sul, e a par das melhores do Norte, só é possível manter com uma absoluta conjugação de esforços e boas vontades.

A Comissão agradece que as inscrições sejam feitas o mais rápido possível, afim de facilitar os respectivos trabalhos.

Como já é do conhecimento geral os prémios são os seguintes: 4.000\$00, para o 1.^o classificado, 2.500\$00, para o 2.^o, e 1.000\$00, para o 3.^o.

Espectáculos

Cartaz da Semana

CINE POPULAR

5.^a-feira, 21: «O Desconhecido do Norte Expresso».

Sábado, 23: «Tarzan e a Companhia» e «O Passa Paredes».

Domingo, 24: Matinée «Pinóquio» soíé «Os Homens preferem as Loiras».

2.^a-feira, 25: «Sangue na Arena»

3.^a-feira, 26: A Severa.

CINEMA 1.^o DE DEZEMBRO

Sábado, 23 e Domingo, 24: «O Príncipe Valente» em cinema-cope.

2.^a-feira, 25: «Vieram do Espaço» com «A Aventura».

4.^a-feira, 27: «A Casa à Beira do Rio» com «Perseguição».

Isto é Montijo

Horário

Rádio Peninsular:

2.^{as} e 5.^{as}-feiras, às 13,40 h.

3.^{as}-feiras, às 20 horas

Rádio Restauração:

Todos os dias, às 10,30 horas

Rádio Clube Português:

2.^{as}-feiras, às 12,15 h (integrando no programa «Isto é Portugal».

SALINEIRA MONTIJENSE

DE
JAIME PEREIRA CRATO ARAÚJO

Sal para Consumo público, aos melhores preços do mercado

A Salineira Montijense,

Sempre pronta a bem servir, aguarda as ordens dos seus estimados clientes e amigos.

R. António Semedo, 12 (junto ao novo mercado)

MONTIJO

ENCICLOPÉDIA

Barristas alcobacenses

= I =

A escultura é a arte que consiste em reproduzir em relevo e por meio de uma substância mais ou menos duradoura as formas dos seres vivos ou ornatos de pura invenção. As figuras esculpidas a todo o vulto são as que têm exactamente o pleno relevo dos corpos vivos, que estão isoladas e que podem ser vistas por todos os lados. A escultura não tem dimensões; pode ser maior ou menor, colorida ou não colorida; talhada em madeira, em barro, em pedra, em ferro, em ouro, em prata, em platina, em mármore, em cera, em bronze, etc. O artista pode ser bom ou mau e pode interpretar como quiser o seu pensamento, mas de maneira que produza obra que corresponda a qualquer coisa, mesmo no sentido moderno.

Pela ordem natural das coisas, dos factos e acontecimentos, Deus teria sido o primeiro modelador de barro. Diz-nos a Bíblia — Genesis 2 — o seguinte: «Formou pois o Senhor Deus ao homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um assopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente». Deus curvando-se para o solo enterrou as mãos em carne — a mesma carne que executou e modela a

escultura pelos séculos fora.

Não é possível determinar qual foi o povo ou país em que nasceu a escultura. O que é certo é que tem a mais remota antiguidade e que desde os tempos primitivos houve povos que fabricaram ídolos, adorados pelo homem. No sul e na costa mediterrânea da Península Ibérica, onde os textos colocam então os tartéssicos e os Iberos, desenvolvem-se do séc. III ao IV a cerâmica na terra barrenta e dela trouxe a argamassa de argila com que formou Adão a sua semelhança. Estava concluída a grande obra de barro transformada depois pintada, chamada *ibérica*, que só no séc. III em diante passa as regiões central, ocidental e septentrional, onde floresceu, ao passo que decaiu a sul e a leste. Existem várias legendas que atestam a grande antiguidade das figuras feitas com barro húmido. Além disso encontram-se esculturas de argila nos túmulos egípcios e monumentos assírios, que são muito anteriores aos começos da civilização helénica. O pouco custo da substância e o seu endurecimento fácil ao sol explicam o facto. Mais tarde passaram a ser submetidas à acção do fogo. No sec. XV, Luca della Robbia, teve a idéia, para realçar o esplendor e aumentar o va-

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor
ABRIL

Dia 21 — 1146 — Morreu Egas Moniz.

Dia 22 — 1747 — D. João V partiu para as Caldas da Rainha.

Dia 23 — 1616 — Morreu Shakespeare.

Dia 24 — 1805 — Foi recebido em Queluz pelo Príncipe Regente D. João, o embaixador francês general Andoche Junot.

Dia 25 — 1875 — Nasceu o grande sábio italiano Marconi.

Dia 25 — 1365 — São solenemente trasladados de Coimbra para Alcobaca os restos mortais de D. Inês de Castro.

Dia 26 — 1648 — Nasceu em Lisboa D. Pedro II.

Dia 27 — 1386 — Morreu D. Leonor Teles, no Convento de Tordesilhas, para onde a enviara seu genro D. João I de Castela.

lor artístico dessas esculturas de barro, de as cobrir com esmalte. A «Resurreição» e a «Anunciação» são os seus mais belos trabalhos no género e ainda se podem ver por cima das portas da sacristia da catedral de Florença.

(Continua)

Luís Bonifácio

Antero de Quental

Por J. A. TAVARES

Na verdade, já muito se tem dito e escrito sobre Antero, o poeta genial que António Sérgio, definiu como — «o maior da nossa terra, depois de Camões».

Mas por muito que se diga ou escreva, nada será de mais, para ligar a alma Lusíada à grata recordação, daquele espírito sonhador, delicado e superior, que fez de Antero um dos expoentes mais egregios da nossa literatura.

Nascido a 18 de Abril de 1824, na Ilha de S. Miguel (Açores) — Antero de Quental, foi, em demanda do seu génio criador, um pequeno mundo em constante ebulição, onde, sob os múltiplos aspectos do seu temperamento e o vigor do seu carácter se agitaram as veementes lutas, — nascidas entre o poeta e pensador, entre o deísta e o homem simples finito, entre o metafísico e o filósofo idealista cheio de bondade e de ternura... Ora voando às mais altas paragens do sonho e da fantasia, ora caindo nas mais culminantes realidades!

«Espírito cultíssimo, carácter vigoroso, alma nobre e meiga como o espírito em flor de uma dócil criança» — eis como Rocha Martins viu Antero de Quental.

E deste contraste estoico, mas sublime, eminentemente patológico, desabrochou o seu génio que, em pleno século XIX, sob a influência da escola romântica, havia de entornar em jorros de eterna luz as pá-

ginas mais belas da poesia nacional.

Antero «esse génio e santo» — como lhe chamou Eça de Queiroz, foi segundo vários depoimentos dos seus mais devotados biógrafos uma alma sofredora, dilacerada pela dor, esbatida pelo fogo contraditório da sua dupla personalidade que o tornou aos olhos da crítica contemporânea, — um dos perfis da sua época, mais difíceis de delinear. E, deste estado complexo do seu temperamento, surgiu a sublimação do génio, do artista imperecível que, em voos de águia altaneira procurou no arrobo místico da sua inspiração, toda a beleza ascetral com que polvilhou os seus mais belos sonetos.

Neles se adivinha a grandeza da sua alma, o arrebatamento do seu génio e as lutas em que se debatia o seu espírito.

Cento e treze anos nos separaram da data do seu nascimento, cento e treze anos rolaram já, sobre a árida mudez do frio mármore, onde repousam os restos mortais daquele fransino envólucro que abrigou tão alto e tão nobre espírito da Lusitânia lira.

A tresloucada morte calou o seu estro — quando na fecundidade inédita da sua arte incomparável — mas ficou para a posteridade nas sonoras fragâncias das suas rimas, no ajustado extraordinário das formas na beleza incomparável do seu talento, esculpido no bronze eterno da história.

Sabe quem foi o inventor do SAXOFONE?

Pelo que se sabe da vida dos inventores, tornou-se quase axiomático que, com raras excepções esses homens viveram e morreram na maior pobreza.

Com Adolfo Sax, esse inventor genial, que morreu há cinquenta e tantos anos e a quem se deve outras descobertas, sucedeu o mesmo.

Adolfo Sax foi aprendiz de seu pai, Charles-Joseph Sax que era um hábil operário, arquitecto, marceneiro e mecânico, e que se fez depois construtor de instrumentos.

Criado na oficina paterna, iniciou-se nos segredos do nascimento de muitos instrumentos musicais, chegando a ser um excelente operário, procurando, sem cessar, o seu aperfeiçoamento. Dessa maneira «entre viu a possibilidade de aplicar o sistema da comocção vibratória do clarinete a um instrumento de cobre de nova forma, adoptando o cone parabólico». Foi a este instrumento que se deu o nome de saxofone.

Na nova lei acústica que ele acabava de descobrir «a tonalidade do som é determinada

pelos proporções dadas à coluna de ar em razão do cargo do instrumento que a contém» e a engenhosa aplicação que fez das propriedades acústicas da parábola foi suficiente motivo para que as mais altas autoridades musicais — Auber, Rossini, Adam, Berlioz, Kastner e outros — o considerassem um homem genial, merecendo o novo instrumento a sua inteira aprovação, Rossini dizia: «nunca ouvi nada mais formoso» e Berlioz, em 21 de Abril de 1848, escrevia a propósito do saxofone:

«Na minha opinião, o seu principal mérito está na variada beleza do seu som, tão depressa grave e tranquilo como apaixonado e sonhador, ou vago como o eco enfraquecido de um eco, como a queixa confusa da brisa no bosque ou, melhor ainda, como as vibrações misteriosas de um sino, algum tempo depois de ter soado. Nenhum outro instrumento de música possui esta curiosa sonoridade, colocada sobre o limite do silêncio».

Mas o êxito de Adolfo Sax suscitou numerosas invejas, e

ele passou a metade da sua vida, desde 1846 até 1880 a defender as suas patentes contra os seus adversários franceses e estrangeiros.

Foram precisos catorze anos de luta constante contra os seus inimigos, que tentavam apoderar-se das suas patentes, para conseguir que os seus direitos fossem finalmente proclamados.

Triunfou no Palácio da Justiça, sendo reconhecida a vexação por ele sofrida; mas apesar da sua actividade e tenacidade que nunca o abandonaram, foi vencido noutra campo. E em 1852 quebrou.

Não obstante as suas múltiplas preocupações, a animosidade e a indiferença que encontrou constantemente no seu caminho, num «Apelo ao público» que publicou em 1887, Sax revelava que «depois de vinte e seis anos de espera, o informe dos peritos, referente à indemnização devida dos seus adversários, não tinha sido ainda dado e que a sentença da sua reabilitação também não tinha sido ainda registada no tribunal».

(Continua na página 8)

Um soneto de A. ROSADO

O monstro

Menino doido em volta dos brinquedos,
esqueço a vida e continuo a andar
atrás das ilusões e dos segredos
que o mundo não me deixa desvendar.

Olho as estrelas, subo aos arvoredos,
aspiro as rosas, compreendo o mar.
... E só encontro ameaças, vagos medos,
proibições severas de brincar.

Em busca da verdade vejo alturas
que põem luz nas coisas mais escuras...
Mas se eu as vejo e entendo em seu clarão,

surge-me horrendo um pífido gigante,
que erguendo um dedo imenso e triunfante
logo me diz: — «Menino, olha o papão!».

DESPORTOS

Prado, no Desportivo do Montijo? O C. D. Montijo

Prado, o excelente médio do Académico de Viseu, encontra-se, presentemente, em Odemira, de visita a sua família, procurando ao mesmo tempo gozar umas merecidas férias, para restaurar forças, pois o campeonato foi duro e longo!...

Convidado para prestar algumas declarações para o jornal «A Província», quanto a projectos para o futuro, Prado, aceitou da melhor vontade e, sem mais preâmbulos, entrámos directamente no assunto que mais nos interessava: — O Futebol.

— Constando-me que deixas de representar o Académico de Viseu, na próxima época, desejaria que me informasses se realmente é essa a tua resolução!

— Deixo o Académico, se eles não me arranjam emprego. Como tenho em meu poder a carta de desobrigação, terminada a época, estou livre.

— Gostarias de alinhar pelo C. D. M.?

— Se me conseguirem uma colocação que me garanta o futuro, sim. Por informações dadas por ti e pelo que tenho lido nos jornais desportivos, sei que se encontra a jogar no C. D. M., o Benje, rapaz por quem tenho bas-

Exclusivo para «A Província»

tante consideração, visto as nossas relações datarem desde Luanda, donde somos naturais, reforçando a minha vontade em alinhar nesse



Clube, pois considero-o um excelente camarada.

— Já recebeste alguma proposta, dos dirigentes do C. D. M.?

— Directamente, não! Mas, por intermédio de teu pai, a quem os dirigentes pediram para me escrever, tenho conhecimento de algo sobre o assunto em questão.

— Tens recebido propostas doutros Clubes?

— Sim. Mas, como simplesmente me interessa jogar, única e exclusivamente,

com emprego assegurado, estou a estudar as propostas.

— Qual o lugar a que preferes alinhar, tendo em atenção o actual sistema do futebol?

— Médio de ataque, ainda que jogue, indistintamente, a defesa ou a avançado, — lugares estes que ocupei, ainda nesta época, no Académico de Viseu. Só por necessidade deste Clube, eu tive de me adaptar a interior.

— Antes de terminarmos esta entrevista, desejava que me desses a tua opinião acerca do novo semanário «A Província» e qual a impressão que te deixou!

— Pelos exemplares que me tens dado a ler, verifiquei, imediatamente, o excelente aspecto gráfico, bem como os variadíssimos assuntos de que vem recheado!

Peço-te que exprimas os meus desejos de inúmeras prosperidades para o simpático jornal e, bem assim, longa vida.

— Obrigado, Prado, pelas tuas amáveis palavras e, desde já, «A Província», retribui a amabilidade, desejando-te muitas felicidades na tua carreira de jogador de futebol.

Mário do Carmo Ferreira

A arbitragem do sr. Capela, excelente na 1.ª parte, decaiu bastante no 2.º meio-tempo.

As equipas apresentaram as seguintes constituições: *Boa-Hora*—Gonçalves (1), Augusto (14), Baptista, Ferreira (17), Costa (3), Correia, Silva e Almeida.

Montijo — Cosme (4), Adriano (1), Tomás (25), Barreiras (2), Rosa (1) e Acácio (6).

No próximo domingo o «cinco» local desloca-se outra vez a Lisboa para jogar com o Sport Algés e Dafundo.

Basket - Baller

José Teodósio da Silva

(Herdaira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda Water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos
6—Rua Formosa, 8—Telef. 036 294
Montijo

Alfredo Sobral Dias

Officinas:

R José Nepomuceno, 21—Telef. 026 322

MONTIJO

Pracete A. - Lote 13

COVA DA PIEDADE

Mecânico

Reparações e Afições de Máquinas de

ESCREVER—SOMAR

CALCULAR—CHEQUES

continua a perder com os grupos da Zona Norte

No campo da Mata, nas Caldas da Rainha, sob a direcção do sr. Hermínio Soares.

CALDAS: Vitor; Amaro, Leandro e Fragateiro; Wilson e Romero; Martin, Calicchio, Bispo, António Pedro e Anacleto.

MONTIJO: Albertino; José Luís, Fábrega I e Cachirinha; Neto e Gimenez; Raul, Benje, Fábrega II, Quim Zé e José Paulo.

Deslocámo-nos convencidos de que a partida de futebol entre Caldas e Montijo nos iria proporcionar um espectáculo agradável, mas não. Toda a nossa expectativa foi iludida. Ambas as equipas praticaram um futebol pobre, falho e irritante. O Caldas mercê de rasgos individuais de alguns dos seus elementos e, principalmente, de Calicchio, conseguiu demonstrar mais capacidade para vencer, sem contudo conseguir superiorizar-se a um adversário que procurava carrilar o seu jogo sem o conseguir, por quanto o seu «quadro mágico» actuava de maneira dificiente e complicativa.

O jogo principiou com as equipas demasiadamente cautelosas e procurando estudar-se mutuamente, decorrendo os primeiros dez minutos apenas e simplesmente, com lançamentos laterais.

Foi o Caldas, que quebrou este enervante começo, quando Martin com um potente remate atirou a razar a barra, para até final da primeira parte se manter na ofensiva, sendo Albertino solicitado a executar algumas defesas de valor, não evitando que o poste e a barra o substituíssem, quando o perigo foi mais eminente. Isto, pode falsamente deixar transparecer que a equipa de Caldas manobrava com clareza, o que não foi verdade. Valeu-lhes sim, a categoria individual do seu meia direita, que era sempre ele e mais ele, que lançava o pânico defensivo dos montijenses. Diga-se em abono da verdade que a nossa defesa ia chegando para as encomendas e se não fora um centro de um côxo desprezado na extrema

direita, o Caldas teria acabado em branco este primeiro tempo. Do ataque do Montijo pouco há a dizer neste primeiro tempo, salvo uma fuga de Raul que preferiu um centro inofensivo, quando poderia ter rematado — E quem sabe o que teria sucedido. O mais que houve, foi muito pouco para que valha a pena fazer algumas referências.

A segunda metade do prélio sendo bastante mais equilibrada, não deixou por isso de ser muito menos verdadeira. Isto pode à primeira vista parecer desconexo, mas nós optamos pela verdade. No primeiro tempo, foi a sorte do jogo, foi a defesa montijense, poderá ter sido a barra, o poste, enfim — A sorte ou a negaça... em suma, a verdade. — Mas no segundo tempo a verdade que nos prezamos em saber qual o seu significado e que, quando os homens puros de alma e consciência a sabem usar, não há mar par mais encapelado que a faça mergulhar. E, foi a antiga e turística cidade das Caldas da Rainha que, ontem serviu de palco para a representação de — «A Mentira», pelo extraordinário artista sr. Hermínio Soares. E' claro que o sr. Soares não conseguiu deslustrar a vitória tão preciosa e merecida do Caldas. Mesmo que fosse este o seu intuito, foi impotente e mentiroso a mais para tal. No entanto o Caldas continuou a usufruir de vantagem mas mais ligeira, conseguindo mais dois tentos e desperdiçando algumas ocasiões soberanas. O Montijo, poderia ter alcançado pelo menos o ponto de honra e isso seria o prémio de um final superior ainda que reduzido a dez unidades, por Neto ter sido expulso a meio deste meio tempo.

OS GOLOS — Aos 33 minutos Bispo que estava na ponta direita por se ter ressentido de uma lesão, cruzou longo para o lado esquerdo, para Galicchio de cabeça fazer o tento. Eram decorridos 58 minutos e Romero que se apossou do esférico em falta, pois disputou-o com o pé em riste, foi desarmado por José Luís, tendo depois caído a contorcer-se, sem que tivesse havido motivo para isso, ocasionando assim uma grande penalidade, que A. Pedro não desperdiçou. O terceiro foi aquele que desmascarou o sr. Soares, não interessando

(Continua na página seguinte)

Basquetebol

Boa-Hora, 35 — Montijo, 39

O «cinco» do Clube Desportivo de Montijo, deslocou-se no passado domingo à capital para defrontar a equipa do Boa-Hora Futebol Clube, em jogo a contar para o campeonato nacional da 2.ª Divisão.

Os basquetebolistas montijenses alcançaram uma interessante vitória, que o facto de ter sido obtida no campo do contendor ainda mais valoriza. Digna de nota é também a circunstância dos vencedores disfrutarem de vantagem no marcador durante todo o encontro, vantagem essa que ao intervalo era de 9 pontos (17-26).

Foi a primeira vez que vimos jogar a equipa do Boa-Hora e embora soubéssemos da crise que o grupo atravessa o que se reflecte na sua actual classificação, havíamos vaticinado o seu triunfo. Sempre se tratava dum «cinco» que ainda esta época discutiu alguns resultados com as melhores equipas lisboetas no campeonato distrital. Afinal os montijenses nunca experimentaram grandes dificuldades, pelo menos na 1.ª parte. No início

do 2.º tempo os visitados reagiram com vontade e conseguiram aproximar-se na marcação. A retenção da bola adoptada pelos amarelo-verdes nessa altura, com o propósito de fazer surgir a oportunidade de cesto certo, obrigou os jogadores do Boa-Hora a enveredarem pela marcação homem-a-homem e consequentemente a caírem nas faltas pessoais, cujos lances livres foram bem aproveitados pelos visitantes.

Alguns elementos do Clube desta vila, acusam destreino motivado pela falta de luz no Campo do Parque.

Columbofilia

Galeria dos campeões

Vila Nova de Gaia-Montijo: 270 kl

Cristiano José Moreira

fala para o jornal «A Província»

É sem dúvida um dos mais valiosos concorrentes da S. C. de Montijo este rapaz, que apesar de novo na columbofilia, já conquistou posição de bastante relevo. Começou adquirindo, dos melhores voadores que existiam no pombal do consagrado amador Alfredo M. Soeiro não se poupando a esforços, adquiriu também em Lisboa ao excelente amador Abílio Mendes excelentes aves, não se lançando na incerteza, como quase todos os novos que começam, e querem superlotar o pombal não olhando à qualidade.

Começamos por pedir algumas palavras sobre a iniciativa do jornal «A Província» em entrevistar os campeões o qual prontamente se pôs ao nosso dispor, e nos diz — Todos nós amadores estamos imensamente gratos ao jornal «A Província», e que esta iniciativa sirva de estímulo aos consagrados e aos novos, para que a columbofilia no Montijo seja uma realidade, desmentindo assim a descrença que reinava em todos os amadores.

— Diz-nos, Cristiano, há quantos anos concorres?

— Há dois anos.

— Concorres ao natural ou viuvez?

— Natural.

— É a primeira vez que conquistas um 1.º prémio?

— Sim, embora tenha conquistado vários segundos, e outros prémios honrosos.

— Não drogas teus pombos?

— Não.

— Qual a alimentação?

— Lote vulgar.

— Quais os adversários que mais temes?

— Francisco Viegas e Castro e Vitor Manuel M. Viegas.

— Nada mais queres dizer?

— Sim, que não seja a última

entrevista, porque conto conquistar mais primeiros prémios, e um agradecimento à «Província», e a todos os amadores.

— Obrigado Cristiano, que teu desejo seja uma realidade são os nossos votos.

Eduardo dos Santos Baeta

Sociedade Columbófila de Montijo

Classificações da prova Valença do Minho a Montijo

Em 3 de Abril de 1955

Pombos inscritos, 246

Km. 369,3

Francisco J. Silva, 1.º, 8.º, 10.º e 40.º; Victor M. M. Viegas, 2.º e 26.º; Jorge Sotano Lopes, 3.º, 16.º, 19.º, 20.º, 29.º e 34.º; Eduardo Sabino Terras, 4.º, 9.º, 17.º e 35.º; Cristiano J. Moreira, 5.º, 24.º e 28.º; Eduardo Santos Baeta, 6.º e 22.º; José Amaro, 7.º; Domingos F. da Silva, 11.º; Joaquim S. Lopes, 12.º e 14.º; Diogo Mendonça Tavares, 13.º, 27.º e 30.º; António Cuquego Firmino, 15; José Martins de Barros, 18.º e 38.º; José Correia Leite, 21.º e 23.º; Raúl Lopes Martins, 25.º; Rosendo S. Samoreno, 31.º, 32.º e 33.º; Francisco J. P. e Castro, 36.º e 37.º e Aldemiro E. Borges, 39.º.

Tendo V. Ex.ª que efectuar

Seguros em qualquer ramo

não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

M O N T I J O

Apreciando e comentando...

A partida entre caldenses e montijenses, foi insípida e mediocre, não convencendo gregos nem troianos.

Turmas com aspirações e responsabilidades, deviam produzir mais e melhor, não se limitando, sómente, à jogada de ocasião e forçada, dando assim uma ideia desanimadora e nada convincente das possibilidades dos seus técnicos e atletas.

Um esquema definido e pré-estudado do sistema a executar, andou arredado e nunca foi vislumbrado, sendo preferida a confusão, à jogada raciocinada, com culpas directas, neste caso, para os médios do Caldas que dificultaram demasiado a acção dos seus companheiros de ataque, com infiltrações complicadas e desnecessárias.

Estes ainda se salvaram um pouco, pelo seu querer, poder físico e oportunidades criadas na zona fatal.

Embora o resultado se ajuste ao desenrolar do prélio, foi a equipa montijense, quando ainda podia discutir algo, prejudicada com duas intervenções do sr. Juiz de campo.

O «team» de Fragateiro, tem poder e entusiasmo, armas de boa valia nesta fase derradeira, todavia, no capítulo técnico-tático, falhou por completo.

O guarda-rêdes, quando chamado a intervir foi ágil e seguro, não acontecendo porém o mesmo aos defesas quando o esférico era jogado rente ao solo, com destino aos extremos montijenses.

Avançados batalhadores e com gana, com realce para Calicchio sem dúvida bom jogador.

Em correrias desordenadas e sem nexos, chegavam às 18 jardas, geralmente descontrolados, colocando pés e tronco deficientemente sendo prejudicados por isso

os remates, que se anteviam vitoriosos.

Jogando abaixo das suas possibilidades, os montijenses pecaram pela falta de rapidez nos contra-ataques, retendo demasiado o esférico e jogando pouco para os extremos, como estava indicado e facilitado, especialmente para Raul que se encontra em retorno de forma.

Pareceu-nos aconselhável a permuta de Benje para extremo, em dada ocasião do encontro e depois de se verificar a impossibilidade de Paulo, perante um de fesa que recuperava com extrema facilidade.

Na defesa, Albertino conseguiu apagar a má impressão deixada no 1.º tento, com um punhado de boas defesas.

Fabrega I, evidenciou-se dos colegas, com excelentes corte de jogo e pormenores nos últimos instantes que revelam sabedoria e classe. Preferimos a marcação cerrada e não por zonas, utilizando a antecipação e coragem.

José Luís principalmente tem-se prejudicado por não utilizar aqueles predicados, como já o vimos fazer, com resultados satisfatórios.

Os médios, recuperando com dificuldade, foram impotentes para colocar tudo na ordem, dado a pouca detenção da bola pelos avançados, que os obrigou a um esforço hérculeo e inglório. Esquecendo a desmarcação rápida e inteligente, base do futebol prático e construtivo, os avançados auri-verdes denotaram falta de categoria para os jogos que andam a realizar. Três ou quatro ocasiões de perigo é pouquíssimo para 90 minutos de jogo.

Pouco talento houve, quando após a marcação do 1.º tento, os vencedores des-cansaram, oferecendo trunfos que não foram aproveitados.

A arbitragem pecou pela parcialidade, e, em virtude de tal, aconselhamos o sr. Soares a apitar outras coisas, mas não encontros de futebol.

A. J. Canarim

O jogo Caldas-Montijo

(Continuação na página anterior)

a opinião do fiscal de linha porque, afinal, só servem para bodes espiatórios. O sr. Soares estava bem colocado e não precisava de auxiliar como muitas vezes acontece. Haviam precisamente 85 minuto de jogo, quase no final.

AS EQUIPAS—O Caldas tem bons elementos, não nos agradando o conjunto, contribuindo Galicchio

Português e Francês

Explicações a alunos do Ensino Lical e Comercial por ex-professor de Ensino Técnico e provisório dos Liceus, devidamente diplomado.

Lições individuais a adultos que pretendam adquirir cultura geral nestas disciplinas.

Vai a casa dos alunos que poderão reunir-se em grupos de três. (Em grupos as mensalidades são beneficiadas do desconto de 20%.)

Dirigir-se ao professor Sousa Gago, rua Gago Coutinho, 106-B — Montijo.

PNEUS

M A B O R

Agência oficial:

Viuva & Filhos de Román Sanchez

grandemente para isso, com o seu pessoalismo exagerado. O Montijo foi pior do que mau, principalmente na meia defesa. Julgamos que não vimos mais do que os outros, mas no treino de quinta-fetra, Neto deu provas evidentes de falta de poder físico, não sendo aconselhável a sua inclusão na equipa. Há diversos pormenores que não são do futebol, mas que são para o futebol! José Luiz precisa de ser ensinado nas posições que deve tomar no terreno, porque será bom não esquecer que é um principiante no lugar e que este é muito ingrato. Albertino, Fabrega I e Cacheirinha salientaram-se, principalmente os dois primeiros.

José Canarim

José Cipriano Sancho

SERRALHARIA
MECANICA
E CIVIL

Trabalhos de soldadura a electrogéneo e oxi-acetilénico com a máxima perfeição

Rua Manuel Gomes Nepomuceno, 9-B
M O N T I J O

Oficina de trabalhos de Torno e Serralharia Mecânica

Soldaduras a Autogénio, Bronze, alumínio e fundição — Reparações completas em Automóveis, Camionetas, Motores a óleo e Tractores.

R. Tenente Valadim, 30-Montijo

DROGARIA ORIENTAL

de

José de Sousa Martins

DROGAS, TINTAS e VERNIZES // ARTIGOS DE VASSOUREIRO e PINCELARIA

Vidros para vidraças — Louças em barro — Cal em pedra, etc.

Rua Joaquim de Almeida, 53 — Montijo

«A Província»

vende-se

em todas as

papelarias

de Montijo

Sensacional! ...

Baixa de Preços! ...

Modelos desde Esc. 10.500\$00

As maiores facilidades de pagamento

Agentes exclusivos:

MARPAL, Limitada

Telef. 026 151 — Rua José J. Marques, 27

MONTIJO

O primeiro SCOOTER do Mundo

Se quer vestir bem e barato

SÓ NA

Alfaiataria Progresso
de ALMEIDA DE ALMEIDA

Execução perfeita

Corte impecável

R. Joaquim d'Almeida (vulgo R. Direita), 5-1.º-D.º
M O N T I J O

SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone
FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RÍCINO BELGA para abubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Sociedade Montijense de Representações, L. da

Agentes das melhores marcas de Aparelhos de Rádio MEDIATOR e MULLARD — Máquinas de Escrever, Calcular e Somar ROYAL, FACIT e SUMMA

R. Almirante Cândido dos Reis, 38
TELEF. 026 288 MONTIJO

ARCO-IRIS

Por NUNO DE MENEZES

Colonização

Ao ler os periódicos, raríssimo é o número em que, não deparo com uma infinidade de indivíduos, em busca do pão que os alimenta, emigrando para Angola.

Muito embora seja de enaltecer essa revoada de colonos que partem com a missão de alargar o nosso património no campo agrícola, é também de estarrecer, senão apreensiva essa debandada. Ainda que, o Governo se venha esforçando e labutando por uma colonização intensa, ela não chegou ainda ao prisma ideal e eficiente desejável, devido por certo, aos muitos supostos colonos que ludibriando, (por vezes ludibriando-se) emigram inconscientes e sem destino. O facto, está bem patente na tarefa árdua das entidades administrativas da colónia, em face de uma avalanche de indivíduos sem ocupação, principalmente nos já grandes meios como Luanda, Benguela, Lobito e outros, onde brancos sem experiência do novo meio se acamaram aos nativos, por vezes numa atmosfera de rebaixamento.

O nesso potentado de Angola, a maior parcela do nosso Império, rica em toda a excepção da palavra, carece de um imediato estudo neste sentido, cancelando o ingresso, sem garantia estável, aos emigrantes interessados.

Poder-se-á por hora, sim, que isto terá solução, chamar colonização, vendo-se indivíduos dormindo nos bancos dos jardins, amontoados sem abrigo, num desafio ao prestígio perante o indígena, que possui ainda a sua cubata!

Caminhos errados

O caso é simples, teve a sua origem numa conversa sobre urbanística, sendo focadas várias localidades bafejadas por esta directriz. No perpassar de terras, surgiu na lista uma vila que, embora antiga, tenta espreitar o progresso dos nossos dias, como qualquer adolescente olhando as novas modas. E assim, talvez já por ser nato de beleza ou ponte de passagem obrigatório, para quem se dirige para os desportos emocionantes da neve na Serra da Estrela, Fundão, através do inesquecível e mulo grado Eng.º Duarte Pacheco, mereceu das suas mãos o traçado do plano urbanístico. Uma ampla avenida, partindo do Largo da Estação (Av. Dr. Oliveira Salazar) de duas pistas de rodagem com uma placa central ajardinada e marginais com moradias tipo «chalés». Este, era o grande plano traçado pelo grande homem, que fez de Portugal um canteiro mais florido.

Contudo por mera obra do acaso, eis que essa sede de progresso foi mais causticada com a sua anulação, pois que, por mais que queiram agora formar um conjunto airoso já o não conseguem. Quis o destino que o referido plano, por simpatia ou estabilidade dum era puramente Picassiana, fosse anulado, aniquilado, talvez seja o termo, para dar lugar a um monstruoso e inestético edificio de pesadas linhas, que servirá de garagem e posto de abastecimento, na sala de visitas da vila, para quem sai da Estação Ferroviária, tendo as suas traseiras cortado uma das faixas de

rodagem. E não satisfeito na sua opulência, até o próprio passeio frontal é roubado, com uma pala de tejadilho. Estou certo que, se um dia Picasso visitasse esta vila, veria estampada a sua doutrina de pincel indeciso, enquanto que, por outro lado, se os espiritos na verdade passeiam pela terra, Duarte Pacheco, diria apenas: — «Ai, como é diferente a urbanização no Fundão».

Código de estradas

Muito se tem dito, falado e escrito, quanto ao Novo Código de Estradas. Desde a Assembleia Nacional onde diversas passagens foram debatidas até à Imprensa. No entanto, um ponto culminante e destaca-lo de especial deferência tem perecido ao abandono. Trata-se do Art.º 58 no relato da Responsabilidade Criminal, em que nas alíneas seguintes prediz as sanções a aplicar para os que contribuem para a embriaguez dos condutores nesse estado, ou não evitando que este continuem viagem em estado de utilização. Os factos apontados neste artigo, transcrito no Capítulo II do Diário do Governo I série n.º 110 de 20/5/54, merece uma observação por parte dos «chauffeurs» e vendedores de bebidas, para assim, ficarem inibidos de dissabores e graves consequências abraçadas a catástrofes que por vezes surgem, principalmente na camionagem de carga, que por essas estradas se desmantelam galgando barrancos, com os volantes entregues ao capricho de Deus Baco, que reinadio brinca por esse mundo.

Crónicas irrequietas

III

O JUDAS

No sábado da aleluia passava eu em qualquer parte, ido de algures e por mero acaso, quando assisti à execução «em estátua» do célebre Judas.

Uma multidão de farrapilhas, patéticamente endiabrada, zurzia e zargunchava um boneco de palha e trapos, com genica famosa.

Os cacetes e zargunchos malhavam sem descanso no pobre espantalho, pendurado na corda bamba que duas varas sustinham ao alto.

E ali andava o monstro esfriado, para cima e para baixo, enquanto lhe choviam de todos os lados os inpropérios e as caricias.

A certo ponto deslocaram-lhe um braço, e o trambolho lá foi no chuço popular como troféu de glória batalha.

Foi o princípio do fim!
Logo outro lhe desnocou uma perna; outro, ainda, desarticulou-lhe o pescoço; e ali ficaram a pendular os restos da devastação, para honra e glória da Justiça eterna.

O braço continuava aos solavancos pela calçada fora, cai aqui, além me levanto, no meio das iras dos verdugos, até que a anatomia se desfez em serradura e músculos esmigalhados.

Lá no cimo das varas, o tronco e o outro braço e a outra perna balouçavam ao sabor da viração, acenando às gentes sedentas como um desafio.

Era preciso terminar o «suplicio».
E então foram-se às varas, arrancaram e inclinaram os restos mortais, e num ataque decisivo tudo reduziram a pó, terra, cinza, e nada.

Foi verdadeiramente triunfal!
O campo ficara coalhado de destroços!
O traidor, o bigorrilhas, o sujeito do falso ósculo tivera a recompensa da sua infâmia.

No entanto, ao seguir à minha vida, eu ia filosofando:
— Nos meus tempos de rapaz também se «matava o Judas», sábado da aleluia às 9 horas, também com os mesmos chuços, os mesmos gritos de indignação e os mesmos acessos de fúria; mas... isso era nos tempos atrasados, quando a civilização era quase um mito, quando não havia luz eléctrica, nem esgotos, nem água canalizada.

Aquela gente, efectivamente, não passava da «bota de elástico». Os homens usavam bigodões e as mulheres tranças até aos pés, sem cosméticos, sem baton, sem rouge.

Os hábitos eram patriarcais.
Imaginem: — às 9 da noite tocava a recolher. Às nove e meia estávamos todos na cama, nos braços de Morfeu, para de manhãzinha, de cabeça fresca, estudarmos as nossas lições.

Eram uns tiranos, os pais daquele tempo!
Hoje, é mais dinâmico, mais liberal, mais adiantado, mais acertado. Deitam-se os pais às nove ou dez horas da noite e os filhos à meia noite ou à uma hora.

A rapaziada tem que ir até os Cafés e até os Cinemas, precisa de saber como vai o Tarzan e o Zorro, precisa de se deliciar com os cavalinhos a correr, com os tiroteios rocambolescos.

Estudar, para quê?
No fim do ano, miserere nobis!
E quanto à Civilização, nem falar nisso.

Tem lá alguma comparação!
Hoje, temos a bomba de hidrogénio, a bomba atómica, a televisão, o radar, os foguetões, os marcianos, e todas as modernas conquistas de espanto.

Temos também o Picasso do zarapelho, a relatividade, a energia nuclear, o existencialismo, etc., etc., etc..

Não se compreende, portanto, como neste século tão luminoso, tão progressivo, ainda se vem para as ruas bater num simbolo de palha e trapo, desalmadamente, impiedosamente, sem um gesto de perdão por um crime de quase dois mil anos, já expiado por moto próprio numa figueira.

E depois, — queridos irmãos em Cristo! — se fôssemos a matar na praça pública, em estátua, é claro, todos os judas que flanam por aí, não havia largos, nem ruas, nem palhas, nem trapos, nem varas, nem chuços que chegassem!

Pois não é assim, meus caros companheiros de viagem?
E após a filosofia barata, lá me fui à vida, a vê-los mesmo ali à minha ilharga, tão graciosos, tão bonzinhos, tão simpáticos que até daria gosto pô-los no lugar do outro...

ÁLVARO VALENTE

Noticiário Regional

Aldeia do Bispo

(Penamacor)

— Faleceu no pasado dia 15 de Março, com a idade de 83 anos o sr. Manuel Andrade Pires, aposentado da Guarda Fiscal que, em tempos, fora regedor desta freguesia.

— Concluiu o curso da escola do magistério primário na escola normal «Amato Lusitano» de Castelo Branco a menina Maria Lidia Martins Landeiro Raposo.

— Depois de 42 anos de ausência, na Argentina, encontra-se nesta aldeia, sua terra natal, a passar uma temporada, o sr. Luís Lourenço Manteigas, que conta a bonita idade de 81 anos. A sua vinda inesperada causou surpresa nesta aldeia, onde se julgava já ter falecido, por se desconhecer o seu paradeiro. Este nosso conterrâneo foi recebido pelo sr. António José Centurio Fatela.

— A passar as férias da Páscoa, estiveram aqui, além de muitos estudantes, o sr. Coronel do Estado Maior, sr. António José Martins Leitão, chefe do Estado Maior de Évora, Prof. Vasco M. Leitão, Dr. Amândio Martins Leitão, Prof. no Tortosendo médico em Unhais da Serra; Prof. José M. Landeiro, esposa e filha; Eng. José Martins de Campos Ferreira, o Eng. José J. de Campos, etc.

— Efectuou-se no passado dia 11 a romaria de Nossa Senhora do Inenco que constou de missa solene, sermão e procissão. A Imagem da Virgem e do Menino iam coroadas com as respectivas coroas, oferecidas pela sr.ª D. Carlota Pina, presada assinante de «A Província» avaliadas hoje em centenas de contos.

— Já vão muito adiantadas as obras de abastecimento de água a esta

Pinhal Novo

MERCADO MENSAL — No domingo 10 do corrente realizou-se nesta localidade, o mercado mensal, que em virtude de ser domingo de Páscoa, não teve o movimento de forasteiros que é costume. Mas apesar disso fizeram-se algumas transacções, especialmente em gados.

SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO AGRÍCOLA — Realizou-se o tradicional baile da Páscoa, que esteve muito animado, sendo abrihantado pelo alegre conjunto da Moita, «Os Rivalistas».

— Um grupo de pinhalnovenses, amigos do jornal «República», entregaram ao seu director, a quantia de 300\$00, referentes a uma quite, com destino às crianças do sanatório de Outão.

— No dia 24 do corrente mês, vai à praça pela terceira vez a empreitada para a reparação da estrada n.º 252, que liga esta localidade, à cidade de Setúbal e à sede do concelho, que se encontra intransitável.

Pede-se a sua Ex.ª Sr. Director das Estradas do Distrito de Setúbal, caso não haja concorrentes, sejam os trabalhos executados por administração directa, atendendo ao estado grace e lastimoso em que se encontra a estrada. — C.

aldeia, Penamacor, Aranhas e Aldeia de João Pires.

— De passagem para Penamacor, esteve aqui no dia 9 a excursão organizada pela «Casa do Concelho de Penamacor» colectividade regionalista em organização na capital. Em Penamacor foram cumprimentar a sr.ª D. Carlota Pina e houve sessão solene nos Paços do Concelho. — C.

Beja

NOTICIÁRIO — Com a presença dos médicos veterinários do distrito, realizou-se, há pouco, em Beja, na Intendência Pecuária, o 2.º período do Curso de Fecundação Artificial.

— Esteve em Beja, onde veio passar o período da Páscoa, o sr. Dr. António de Menezes Soares, ilustre vice presidente da F.N.P.T. e que foi antigo governador civil deste distrito.

DESPORTO — Terminou há poucos dias um torneio inter sócios que a Sociedade Capricho Bejense organizou. A prova, que foi ganha por António Carracilha, sem dúvida um dos melhores jogadores bejenses, pretende elevar novamente o nível do ténis de mesa bejense, que anos atrás teve fases interessantes.

A «Capricho» acendeu a «fogueira», tem agora a palavra a dizer as outras sociedades, porque seria bom que o fogo não se apagasse.

— Visitou no passado domingo a cidade de Beja, o Clube Desportivo de Badajoz que aqui veio realizar um desafio de futebol de carácter particular.

FALECIMENTO — Faleceu no dia 7 de Abril em Beja com 82 anos, o ilustre jornalista, sócio da firma proprietária do nosso colega «Diário do Alentejo», sr. Carlos Augusto das Dores Marques, que foi em vida um dos mais acérrimos defensores dos interesses da nossa terra.

A família enlutada e especialmente ao sr. Carlos das Dores Marques, distinto pintor e chefe da redacção do «Diário do Alentejo» e a este jornal, apresenta «A Província» os sentidos pesames. — C.

Tramagal

Depois de ter sido sujeito a uma operação no hospital da C. U. F., em Lisboa, regressou a esta localidade o sr. Mário Magalhães Basto, digno Administrador da Metalúrgica Duarte Ferreira.

A sua chegada encontrava-se na estação de C. P. a família Duarte Ferreira e o Presidente da C. M. de Abrantes, sr. Major Manuel Machado, que lhe apresentaram cumprimentos.

Também se encontrava presente a Filarmónica da S. A. T. que entoando o hino desta colectividade deu começo à calorosa manifestação que todo o pessoal daquela empresa postado nas duas margens da estrada até à sua residência, lhe prestou durante a sua passagem, pelo seu feliz regresso ao Tramagal. — C.

Moita do Ribatejo

VIDA RELIGIOSA — Decorreram com grande imponência as solenidades da Semana Santa. Depois da cerimónia do Lava-Pés pelo Rev. João Evangelista de Jesus Matos, Prior da Freguesia, foram distribuídas esmolas aos pobres. Na 6.ª-feira, à noite, realizou-se com grande concorrência de fideis, a procissão do Enterro, que percorreu todas as artérias da vila. Sob o pálio, cujas varas eram conduzidas pelos srs. José de Sousa Costa, Presidente da Câmara, Dr. José Mendes Pires da Costa, Presidente da Comissão Concelhia U. N. Manuel de Almeida Sacoto, Presidente do Grémio da Lavoura e da Junta de Freguesia, António Manuel de Almeida, Proprietário e João Vaz das Neves, Industrial. O Santo Lenho era conduzido pelo Rev. João E. Jesus Matos, acolitado por mais dois sacerdotes. A

(Continua na página seguinte)

Prof. José Manuel Landeiro

Apontamentos sobre o FIAT «600»

Integrado na Campanha Nacional de Educação de Adultos, o Ministério da Educação Nacional criou o Curso de Orientadores de Visitas a Monumentos e Museus, para o qual foi convidado, superiormente, o nosso prezado colaborador, sr. professor José Manuel Landeiro, que dirigirá estes serviços no Distrito de Setúbal.



A sua escolha para esta missão se refere, com palavras laudatórias, o nosso colega «Jornal de Fundão», de 17 de Abril.

Nós que desde a primeira hora temos contado com a sua valiosa colaboração, não podíamos deixar de exprimir, aqui, o nosso regozijo pela distinção que lhe foi conferida, pois, como diz aquele nosso colega, o professor Landeiro «é um valor indiscutível e a sua escolha revela o critério esclarecido que presidiu à escolha».

O sr. Prof. Landeiro, além das muitas publicações histórico-monográficas que já

deu à estampa, fundou um Museu Escolar em Penamacor e colaborou na fundação do Museu Municipal daquela vila arraiana.

Os nossos parabéns pela alta distinção com que foi distinguido e pela qual nós também nos sentimos orgulhosos, visto termos o prazer de o contarmos no número dos nossos colaboradores.

A Fiat, a maior organização industrial da Itália e uma das maiores da Europa, que constroi automóveis desde 1899, ou seja desde os valores do automobilismo, acaba de lançar um novo modelo — o «600» —, intitulado como «pequeno automóvel de 4 lugares».

Se o Fiat «novo 1100» representa, na categoria dos automóveis médios, um vigoroso progresso, o Fiat «600», na classe dos pequenos automóveis, dará mais um impulso à produção da Fiat. Para a construção do «600» a Fiat investiu em novas máquinas e aparelhos, muitos biliões de liras. Sabe-se que nas obras de modernização das suas fábricas, desde as siderúrgicas até às oficinas de produção automobilística, a Fiat empregou desde 1946 até hoje, mais de dez milhões de contos.

Não nos devemos esquecer que foi a Fiat a primeira fábrica do Mundo a criar o pequeno automóvel utilitário — o «500» —, nascido em 1936 e já espalhado pelos países de todos os continentes.

Mas falemos do Fiat «600», o primeiro pequeno automóvel de 4 lugares, de projecto e construção inteiramente italianos, e destinado a superar em profundidade e extensão o grande sucesso do seu antecessor. Resultado de um longo estudo e de laboriosas experiências, os problemas técnicos que a Fiat teve de resolver para obter 4 lugares cómodos num automóvel com as mesmas dimensões do «500», mais leve, mas não menos seguro e resistente, e em tudo mais moderno, foram muito difíceis.

Tornou-se necessário resolver problemas de utilização do espaço, do motor, das suspensões, da direcção, da estabilidade, do arrefeci-

mento, da ventilação e do aquecimento interior e muitos outros. A Fiat resolveu todos estes problemas na realização do projecto do «600»: motor, embraiagem, caixa de velocidades e diferencial formam um grupo único, colocado na parte posterior do veículo.

As rodas, incluindo as trazeiras, independentes, os 4 cilindros, as válvulas à cabeça, a regulação automática de temperatura, os amortecedores hidráulicos, telescópicos de duplo efeito, dão um conjunto apreciável. A alavanca de comando é ao centro do carro, em posição muito cómoda, tornando a operação de mudança das velocidades, fácil e agradável, sendo a 2.ª, 3.ª e 4.ª sincronizadas.

A carroçaria é monobloco, cientificamente estudada para obter a máxima rigidez com o menor peso possível. Tem duas portas, para-brisas curvo e os vidros laterais das portas são de correr; lugares cómodos com as costas dos assentos móveis. Baixando o encosto do assento posterior, corrido, obtem-se um plano que pode ser utilizado para transportar bagagem volumosa, o qual é coberto de borracha; com 4 pessoas no

carro a bagagem pode ser colocada atrás do banco posterior e à frente sob o «capot».

Conclusão: a estabilidade do Fiat «600» é perfeita, em quaisquer condições de estrada e velocidade. O conjunto de ensaios a que ele foi submetido, constitui um capítulo mais persuasivo da realização e construção deste automóvel. Representa o que há de mais aperfeiçoado, actualmente, no campo da técnica construtiva.

Mistérios Rosacruz

Todo o investigador sincero que procure a suprema verdade e o poder místico conhecidos pelos antigos sábios, pode escrever solicitando um exemplar grátis do livro «O DOMÍNIO DA VIDA». Esta obra remete-se sem compromisso algum aos que desejem estudar a leis superiores da Natureza e da ciência mental.

ESCRIBANO III
Templo de A. M. O. R. C. (Parque Rosacruz)
San José, Califórnia, E. U. A.

CORTIÇAS
António Luís Gouveia
Técnico especializado em construção e montagem de máquinas para granulados, adoptando os mais modernos processos da técnica mecânica.
Rua Joaquim d'Almeida, 49 MONTIJO

Sabe quem foi o inventor do SAXOFONE?

(Continuação da página 4)

Além dos seus estudos sobre acústica, como planos de construção de teatros, de concertos ou de orquestras ao ar livre, baseados também nas propriedades acústicas da parábola, Adolfo Sax teve ainda tempo de interessar-se por muitas outras coisas, tendo publicado um estudo sobre a «Ginástica dos pulmões, a música instrumental do ponto de vista da higiene e a criação das orquestras femininas».

Tendo vivido pobremente, com uma pensão concedida por Henrique Roujon, director das Belas Artes, a pedido do compositor Lacôme, Adolfo Sax terminou a 4 de Fevereiro de 1894, uma vida agitada, no decurso da qual «não tinha sabido encontrar algumas horas de paz».

MOITA

(Continuação da página anterior)

procição foi acompanhada pela Banda da Sociedade Filarmónica Capricho Moitense.

OS CONTRABANDISTAS EM ACÇÃO — Os jornais diários deram já a notícia com certo relevo, da apreensão de contrabando no lugar do Gaio, perto da Moita e nas imediações do Posto de Depuração de ostras.

O destacamento que procedeu à apreensão era comandado pelo sr. tenente João Duarte da secção da Guarda Fiscal do Barreiro e dele fazia parte o comandante do Posto da Guarda Fiscal da Moita sr. António Pinto.

Algumas caixas de maços de tabaco vinham queimadas, encontrando-se inutilizados muitos maços, na praia estavam espalhadas algumas canetas, presumindo-se que as caixas estivessem rôtas. —C.

Material Eléctrico
Cabos e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estanque - Tubo Bergmann - Tubo de Aço
CANDEEIROS
TELEFONIAS
IRRADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc. = Etc. = Etc.
Tudo aos melhores preços
ABEL JUSTINIANO VENTURA
Praça da República — MONTIJO

João Luís de Oliveira
Encarrega-se de todos os trabalhos de pedreiro e limpeza de prédios.
Trata na Rua Joaquim d'Almeida, n.º 59 — MONTIJO

Vem a Montijo?
Procure o **Café Restaurante Barral**
Rua da Barrosa // Telef. 026 202
Boas refeições aos melhores preços só no **BARRAL**

CONTRA A CASPA
Quer ter cabelos bonitos e abundantes? Use o **Petróleo Químico Jódigo**. Loção progressiva contra a caspa e a queda do cabelo. Vende-se nas farmácias e nas drogarias; Depositário geral
Diogo da Silva Salão
Rua Joaquim de Almeida, 132
MONTIJO

Café Portugal
SALÃO DE FESTAS no 1.º andar — SALÃO DE BILHARES com Snookers
SERVIÇO DE CASAMENTOS E BANQUETES
Com Salão Próprio
Praça da República MONTIJO

Pneus MABOR MEDIDAS EM STOCK PARA
MONTAGEM Automóveis e Camions
e assistência técnica Gratuitas
Representante Oficial: **MARPAL, L.ª**
Rua José Joaquim Marques, 27
Telefone 026 151 MONTIJO

RAPEC
Representações Agro-Pecuárias
Suplementos alimentares:
Penibêdoze - Vitalon - Microvit - Peni-vitam - Sais minerais, etc.
Pintos de raça importados - Antigermina
Praça 5 de Outubro, n.º 8
MONTIJO

A entrevista com o Sr. Governador Civil

(Continuação de 1.ª página)

e que muitos aspectos deste problema se irão resolver localmente com a boa vontade e a colaboração de todos. É uma esperança que é já uma certeza.

— Um assunto que de momento preocupa a população de vários concelhos é o que se relaciona com as novas tarifas de energia eléctrica. Acha V. Ex.ª que o problema será resolvido a contento?

— Estão as câmaras municipais do distrito que têm o encargo da distribuição de energia eléctrica em baixa tensão a estudar, com todo o interesse, as novas tarifas de venda ao público. Tenho seguido, como me compete, com toda a atenção este assunto e espero que dentro em breve estarão elas aprovadas pelo Governo e aptas a entrar em vigor. E' evidente que se trata de um trabalho que exige a maior atenção, pois penso que as respectivas explorações devem ficar em condições económicas e financeiras de poderem estender o benefício da luz a toda a área dos seus concelhos. E' preciso não só garantir um bom fornecimento na sede, mas levar também este benefício a todas as regiões rurais. Uma política neste sentido é indispensável que se faça, pois não se conseguirá fixar — como tanto se torna necessário fazer — os homens à terra se não levarmos a todos os pontos do país boas comunicações, a assistência médica, a água, a luz e o saneamento.

Espero que todos se irão alegrar com as novas tarifas, pela economia que se vai obter com o novo regime dos escalões, e o interesse que há no estabelecimento de tarifas especiais para a indústria e para as famílias menos abastadas.

Aliás eu penso que o re-

gime que se vai adoptar deve ter carácter provisório. Um ano de exploração no novo regime já poderá ditar então normas mais seguras. Do resultado deste período experimental poder-se-á colher a lição que torne possível novas melhorias de preço.

— Parece aproximar-se uma crise de trabalho na indústria corticeira dos concelhos de Barreiro, Moita e Montijo, que dizem filiar-se nos entraves postos na exportação de cortiça em prancha?

O assunto teve já a interferência de V. Ex.ª que certamente nos poderá elucidar.

— O assunto está posto ao Governo que certamente lhe dará a solução justa, dentro, evidentemente, do quadro dos interesses nacionais.

— Sabemos que estão sendo orientadas por V. Ex.ª as diligências respeitantes à criação da Freguesia de Santo Isidro no Concelho de Montijo.

Fala-se porém de alterações da linha divisória dos Concelhos de Palmela e Montijo. Poderá V. Ex.ª esclarecer do que se passa de concreto sobre este assunto?

— Existe realmente o desejo de se criar a freguesia de Santo Isidro, a englobar principalmente a magnífica obra que vem realizando a Junta de Colonização Interna nas antigas propriedades de Rovisco Pais, mas tudo está ainda no campo dos estudos.

— Que pensa V. Ex.ª das possibilidades e dos progressos ultimamente verificados no Concelho de Montijo?

— Tem o Concelho de Montijo nos últimos anos tomado um ritmo de desenvolvimento e progresso que me é muito grato assinalar.

Quem, como eu, conheceu o Montijo de há trinta anos é que pode avaliar o que tem sido o aumento constante desta terra cujas grandes possibilidades de vida e actividade nos dão a garantia de que continuará a desenvolver-se e a vincar uma presença de muito valor nas terras que constituem o nosso Distrito.

É-me particularmente grato poder referir o interesse que tem havido nos responsáveis pela administração local pela satisfação das necessidades das suas freguesias rurais, orientação que espero se mantenha e se reforçe sempre que possível.

A entrevista estava terminada.

Sua Excelência, tinha-nos concedido uma hora, e não podíamos abusar da sua gentileza. Os assuntos principais que a opinião pública montijense e do distrito precisava ver esclarecidos, para desfazer boatos e más interpretações, foram convenientemente postos e respondidos pelo Sr. Dr. Miguel Bastos com prontidão e inequívoca boa vontade.

Não podíamos nem devíamos insistir.

Agradecemos pois, mais uma vez, as atenções dispensadas ao nosso jornal, desejando a Sua Excelência as maiores felicidades no desempenho da sua árdua missão.

O Senhor Governador, manifestou por sua vez, o desejo de que «A Província» continuasse a manter o mesmo ritmo de trabalho e progredisse na sua expansão para bem da terra onde se publica e prestígio da imprensa do distrito.

Dada boas Fotografias

Foto Montijense

— Porque tinha guardado silêncio sobre os motivos que haviam decidido a sua precipitada viagem?

Começava mesmo a duvidar se aqueles dois personagens haviam dito a verdade, ao pretenderem ignorar a morte de Félix Swinburn.

Depois de alguns momentos de reflexão, senti-me seguro de que «Mister» Paul me poderia ter dito muitas coisas interessantes sobre meu avô.

Levantei-me e comecei a passear em longas passadas pelo aposento, quando os meus olhos foram incidir sobre um grande retrato suspenso na parede.

Se aquele retrato representava fielmente os traços de Félix Swinburn, ele nada tinha de simpático.

Era uma máscara ríspida que me fixava, uns lábios sensuais e cruéis, dois olhos cínicos onde se reflectiam maus pensamentos.

Uma ideia súbita me ocor-

CONCURSO

O Campeão de «A Província»

Esta semana damos uma maior lista dos concorrentes classificados para mostrar o interesse que este concurso está tomando nas hostes femininas.

Os 15 primeiros classificados incluem já 3 senhoras.

Bem hajam todos aqueles que se interessam pelo engrandecimento e expansão de «A Província».

Quando duas «aves agourentas» vaticinaram a «queda» de «A Província» no prazo de 6 meses chegámos a temer que essas «aves» mágicamente e por artes ocultas, previssem com verdade esse caminho tão curto.

Perguntarão os concorrentes... Porque dar crédito a tais «aves» já que pela quantidade, apenas duas, nem

merecia a pena correr tinta?

Porque, respondemos nós, «os pássaros» em questão, possuíam umas grandes barbigas, tinham ares doutorais, e davam a sua sentença fazendo alarde de uma experiência e convicção que, confundiam toda a restante «passarada».

Hoje, estamos ainda a pouco mais de 4 meses para podermos cantar de poleiro, mas as dedicações dos nossos leitores e assinantes são já tantos, e a projecção que está tomando «A Província» transcende também tanto a nossa previsão, que, sem receio podemos prometer um «almocinho à rico» ao Campeão de «A Província».

E agora até à próxima semana.

Classificação na 6.ª etapa

| | | |
|--|---------------|-------------|
| 1.º — D. Maria da Conceição dos Santos | — Montijo | — 93 pontos |
| 2.º — Manuel Militão de Carvalho | — » | — 33 » |
| 3.º — António Lucas Catita | — » | — 26 » |
| 4.º — Afonso da Silva Campante | — Tramagal | — 20 » |
| 5.º — Eduardo Santos Baeta | — Montijo | — 19 » |
| 6.º — Eugénio Vieira Branco | — » | — 9 » |
| 7.º — Alvaro Serra | — Montijo | — 8 » |
| 8.º — António Sampaio Martinho | — Canha | — 8 » |
| 9.º — Francisco Piedade Martins | — Montijo | — 5 » |
| 10.º — António Luis Lopes Feijão | — » | — 4 » |
| 11.º — D. Izilda Coelho Sampaio | — V. Novas | — 4 » |
| 12.º — Jacinto Caria | — Sarilhos G. | — 4 » |
| 13.º — Jaime Gonçalves Cosme | — Lisboa | — 4 » |
| 14.º — Elídio Cunha Dionísio | — Montijo | — 3 » |
| 15.º — Leonor Coelho Sampaio | — Oeiras | — 2 » |

BRASIL E PORTUGAL

(Continuação de página 1)

pelo Brasil perante o ataque perpetrado contra o Portugal da Índia, a visita do ministro dos Negócios Estrangeiros português àquele País, a participação de Portugal nas comemorações centenárias do Estado de Pernambuco e da cidade de S. Paulo —, a vinda do Chefe do Estado brasileiro expressa um acontecimento de consagração à política atlântica e traduz um facto

de relevante importância.

No quadro de uma tradição secular e do Tratado de Amizade e Consulta — que o sr. Presidente do Concelho definiu como a tradução em política internacional da comunidade luso-brasileira —, esta visita presidencial testemunhará ao Mundo inteiro o vigor dos elos tradicionais que o tempo não consegue quebrar e a força do espírito constantemente reforça.

Folhetim de «A Província»

N.º 6

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

Pareceu-me ver um vago reflexo de satisfação, nos seus olhos, quando fechou a janela e fez correr os cortinados; não liguei no entanto naquele momento nenhuma importância a este pormenor.

Subimos ao andar superior, e encontrámos Dunstan e sua mulher que nos esperavam com as velas acesas.

A velha criada conduziu Lucille Paradene a seu quarto, levando eu «Mister» Paul na direcção oposta.

Continuava bastante nervoso quando lhe desejei as «boas noites». Desci mais uma vez na disposição de

fumar um último cigarro diante do fogo, na casa de jantar.

No pensamento dançavam-me as ideias mais inverosímeis, sobre as visitas que tão imprevisivelmente tinham surgido em «Falcon Castle».

CAPITULO II

Em que se ouvem as confidências de um velho criado; se tem conhecimento dos passos mais importantes do testamento do avô Swinburn; e nos encontramos pela primeira vez em frente do espelho misterioso

Quanto mais pensava na atitude daquele homem, mais me surpreendia.

reu. Fui até junto da chaminé, e puxei o cordão da campainha.

— Feche a porta Dunstan — disse ao velho criado logo que ele entrou — gostaria de lhe dizer algumas palavras.

Dunstan aproximou-se lentamente e com respeito respondeu:

— Estou às vossas ordens «Mister».

— Pensei; se por acaso não sabeis qualquer coisa sobre o cavalheiro e a senhora que tão inesperadamente nos visitaram. Pode parecer-lhe a minha pergunta singular, mas tenho razões para assim proceder. Claro que vos estou falando confidencialmente. Compreendeis?

— Compreendo «Mister» — respondeu-me o criado, olhando-me com ar inexpressivo.

— «Mister» Paul, disse-me que tinha vindo algumas vezes a «Falcon Castle» — continuei — Tinha o aspecto

de um amigo íntimo de meu avô?

— Pelo contrário — disse Dunstan — não sei que relações mantinha esse senhor com o patrão, mas as suas visitas eram curtas... dez minutos ou um quarto d'hora. Nunca me pareceu que fossem muito íntimos. Pelo contrário...

— «Mister» Paul, disse-me que o motivo da sua visita, era o facto de ter recebido uma carta de «Mister» Swinburn, pedindo a sua urgente comparação aqui.

Dunstan olhou-me e abandonando a cabeça ajuntou:

— Peço desculpa «Mister», mas não vejo como essa mensagem poderia ter saído daqui. Eu não fui levar ao posto de correio nenhuma carta, nos últimos dias em que o patrão viveu!...

(Continua)

Lenda do beijo

Foi numa noite, já não sei quando
Que no sertão, a Lua fagueira
Afastou uma névem, namorando
A linda e graciosa Palmeira.

Pediu-lhe os braços,
Pediu-lhe abraços,
Unindo os laços
P'los troncos baços;
A Lua sorriu,
Um beijo s'ouviu,
Uma estrela fugiu,
Rubor sentiu;
Palmeira contente,
Quebra pendente,
Na noite inocente,
Sonho vidente;
A noite queta,
Do sono esperta,
Palmeira aperta,
A Lua deserta;
A Palmeira chorou,
A noite alto falou,
A Lua s'afastou
E a terra, acordou!

E neste idílio de prata em flor,
No doce enleio de um arpejo
Canta um mestiço trovador,
A Lenda do primeiro Beijo!...

NUNO DE MENEZES



CURIOSIDADES Para rir!...

O primeiro «Arranha-céus»

O primeiro «Arranha-céus» que surgiu em território da América do Norte, foi erigido em Chicago, em 1884.

Foi um acontecimento memorável. O edifício tinha apenas 12 andares, mas considerava-se essa obra como sendo duma audácia extraordinária para a época. Levantavam-se além disso sérias dúvidas quanto à solidez da construção e o público obstinava-se, tanto quanto possível, de circular nas imediações do edifício.

O motor mais pequeno do mundo

Em Zurich, num concurso de mecânica de precisão ali realizado, obteve o primeiro prémio o construtor Huguenin, que apresentou um motor minúsculo, verdadeira maravilha no género. Pesa 16 centigramas e tem 3 milímetros e meio de altura. O seu tamanho é aproximadamente, o duma cabeça de fósforo. Apesar disso, funciona perfeitamente, consumindo cinco milésimos de «Watt». Realiza 3.000 rotações por minuto e pode ser alimentado por corrente contínua ou alterna.

Bilhetes de identidade para cães

São tão frequentes os roubos de cães na Inglaterra que a Liga Nacional de Defesa Canina criou uma documentação especial para cada exemplar. Em geral, poucos são os proprietários dum cão desaparecido que possam identificá-lo com segurança.

A referida documentação inclui as medidas da estatura e largura do pescoço, referências acerca do pelo, etc.

Apresenta, ainda, uma fotografia, bem como indicação sobre o «pedigree» e instruções sobre raças, patentes e a forma de recuperar o cão.

Os jornais no Japão

A imprensa japonesa é a mais poderosa do mundo, e muito lida porque não há a bem dizer anal-fabetos no Japão. Além de uma quantidade grande de outros jornais, o «Asahi» de Tóquio, o «Asahi» de Osaka, o «Nichi-Nichi» de Tóquio, e o «Mañichi» de Osaka, tiram todos os dias milhões de exemplares, dos quais cada um tem 20, 30 e 40 páginas. Não há nada que se lhe possa comparar nem em Paris, Londres ou Nova-York.

Sabe tudo?...

—O chá preto e o chá verde não são duas qualidades diversas de chá, mas sim a mesma, preparado diferentemente.

O chá verde faz-se esterilizando-o ao vapor ou a um calor seco para evitar a oxidação ou fermentação da folha; o chá preto faz-se deixando as folhas fermentarem. Algumas plantas de chá adaptam-se melhor a um processo do que a outro, mas todas elas se podem tornar em qualquer dos chás, preto ou verde, usado no comércio.

—Camarinha, é o fruto de um arbusto redondo e branco como os aljôfares grandes (pérolas), cuja planta é uma espécie de urze. Esta fruta é muito fresca e corta as febres pelo azedinho que tem, e é excelente para matar as lombrigas.

Afirma-se que somente em Portugal se cria esta planta.

—Em 1579, Henrique III, rei de França, fez publicar uma ordem proibindo aos «casados e vivendo com suas mulheres irem comer e beber às tabernas ou hospedarias». O mesmo rei — abstémio e muito severo — encarregou os governadores provinciais de limitarem as zonas de cultura da vinha, que ameaçam ultrapassar, em área, as destinadas ao cultivo do trigo.

O juiz: — Não compreendo como um homem tão pequeno como é o reu, podesse atirar ao chão um tão alto e forte como o queixoso.

O advogado de acusação: — Fê-lo com a ajuda de um automóvel, sr. dr. juiz.

Um vagabundo, passando pela porta dum restaurante e cheirando-lhe a carne assada, voltou-se para um polícia e disse: — Veja lá, senhor guarda, se isto não é uma provocação...

Leia e medite

Os mais desgraçados não são os que sofrem as injustiças, mas sim os que as cometem.

Montesquieu

Nem sempre sabemos quando nos estimam, mas sabemos quase sempre quando não somos estimados.

Mauriac

Que cada um julgue conforme a sua opinião pessoal, baseando-se nas suas próprias leituras, e não segundo o que os outros lhe dizem.

Einstein

Sabe matemática?

1 — Andando um pastor, num prado, a apascentar umas vacas, e sendo-lhe perguntado quantas eram respondeu:

Se tivesse o dobro das que tenho, mais metade delas e mais oito, teria 128.

Quantas eram?

2 — Entrando, um dia, numa cavalaria dum quartel de cavalaria de Lisboa, um sargento contou as pernas dos soldados e dos cavalos que ali se encontravam e contou 740. Se os soldados tivessem quatro pernas em vez de duas e os cavalos duas em vez de quatro teria contado 580.

Quantos eram os soldados e os cavalos?

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — História ou narração organizada ano por ano; trabalho num navio. 2 — Que tem génio brando; enfeitar. 3 — Ovírio dos peixes; casa; greda. 4 — Cursos de água natural; abatimento que se faz no peso de uma mercadoria atendendo à vasilha em que é transportada. 5 — Ditongo; artigo definido. 6 — Pequenas igrejas que se erguem geralmente no campo. 7 — Pertences; climas. 8 — Regaço; grande receptáculo de tecido ou couro aberto em cima e cosido dos lados. 9 — Reza; ditongo (pl.); espaço de tempo. 10 — Instrumentos musicais; lugar de contenda. 11 — Fechava as asas para descer mais depressa; objectos de madeira.

VERTICAIS: 1 — Fruto da amoreira; repetes. 2 — Barco grande; ris. 3 — Indivíduo de pequena estatura; gruta. 4 — Nota musical (inv.); trabalho feito à noite; atmosfera. 5 — Substância que dá gosto à comida; parte das aves que servem para a locomoção. 6 — Doutrina dos ateus. 7 — Costume; figura simbolizadora da América. 8 — Atmosfera; enganas; nota musical. 9 — Título dado os antigos reis do Peru; gostes. 10 — Conta; faz sinal. 11 — Superfície plana; medidas antigas.

Solução do Problema N.º 6

HORIZONTAIS: 1 — Lusitania. 2 — Ilustrada. 3 — Aa; va. 4 — Me; salvè; em. 5 — Im; lo. 6 — Montijo. 7 — Os; se. 8 — Sa; vivei; os. 10 — Cati-varas. 11 — Província.

VERTICAIS: 1 — Amigos. 2 — Li; em; sa; cp. Ula; par. 4 — Suas; to. 5 — Is; iv. 6 — Tt; vi. 7 — Ar; an. 8 — Nave; rc. 9 — Ida; mai. 10 — Aa; el; so; sa. 11 — Amores

Problema N.º 7

| | | | | | | | | | | | |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 1 | | | | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | | | | |
| 10 | | | | | | | | | | | |
| 11 | | | | | | | | | | | |

José António Moedas

de CIÊNCIA

O olho eléctrico

A electricidade, que hoje domina o mundo, veio suplantiar a força a vapor e outras forças motrizes e depois das maravilhosas descobertas da rádio e da televisão, surgiu à célula foto-eléctrica ou, antes o «olho eléctrico» como é mais conhecido. Esse pequeno invento, de aparência modesta, é porém de utilidade universal pelas suas múltiplas aplicações.

Resume-se num disco de cobre com uma capa de óxido num dos lados; todavia, é tão sensível à luz como o próprio olho humano.

E o que mais admira é que a sua sensibilidade em relação às cores visíveis é quase igual à dos nossos olhos, tendo em conta que o nosso sistema visual é constituído pelos mais complicados órgãos do corpo humano e que o «olho eléctrico» se resume numa simples placa de metal oxidado.

Ao contrário dos nossos olhos que precisam de cérebro para transformar as suas impressões em acções e reacções, a célula foto-eléctrica é capaz de transformar, directamente, a força luminosa em força eléctrica — quer dizer, é um gerador em miniatura, impulsionado pela luz. Por exemplo, se alguém interceptar um raio de luz focado para o «olho eléctrico» automaticamente fará soar uma campainha de alarme. Se se dirigir a luz dos

faróis dum automóvel, para a célula colocada à entrada da garagem, a porta desta abrir-se-á rapidamente. Se qualquer pessoa se acercar da vitrina exterior de um estabelecimento, a sua sombra corta a ligação entre os raios invisíveis de uma luz débil e a pequena célula, e logo se ilumina a montra.

As aplicações da célebre invenção são múltiplas.

Assim ainda não há muito tempo, nas estradas da Califórnia se instalaram numerosos «olhos eléctricos» afim de se contar o número de carros que nela circulam.

O Exército norte-americano, adoptou um invento semelhante para regular os seus projectores de grande potência.

Hoje, muitas são as máquinas que apresentam uma célula foto-eléctrica destinada a proteger o operário de qualquer acidente.

Até no campo do desporto o «olho eléctrico» se tornou utilíssimo para acusar as mais pequenas fracções das médias alcançadas especialmente nas corridas pedestres, automobilistas, etc.

Como se vê, este invento é um dos mais notáveis dos últimos tempos.

Pena é, que em Portugal não esteja difundido convenientemente.

Pneus MABOR

MEDIDAS EM STOCK PARA

MONTAGEM

Automóveis e Camions

e assistência técnica Gratuitas

Representante Oficial: **MARPAL, L. da**

Rua José Joaquim Marques, 27

Telefone 026 151

MONTIJO